

# ⓪ Sagrado e o Profano



HOMENAGEM A J. S. DA SILVA DIAS



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS  
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1986

## PARA A TEORIA DAS IDEOLOGIAS

### 1. INTRODUÇÃO

Nas mais variadas análises, seja a propósito do trabalho em quase todas as disciplinas científicas, seja nas abordagens directas de problemas específicos em ciências sociais como a História, a Sociologia, a Política, a Psicologia Social e em tantas outras, seja na Filosofia, seja na prática social mais diversa, sobretudo na prática política, a referência às *ideologias* constitui uma abordagem inevitável.

Se tomarmos um dicionário ou uma enciclopédia ao acaso, por via de regra encontramos uma referência histórica ao termo ligado a Destutt de Tracy (1754-1836) que pretendia assinalar por ideologia o estudo da origem e natureza das ideias considerado como uma ciência em contraposição à psicologia que estudaria a «alma».

Daí que seja comum nesses «balanços do saber em dada época» considerar a ideologia como uma «ciência» e alternativamente como uma filosofia (em regra ligada à concepção «sensualista» de Condillac).

Porém já aparecem significados alternativos. Por exemplo há cerca de meio século a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* registava que «recentemente, tem-se dado o nome de *ideologia* de um partido político, de uma seita, de um grupo qualquer doutrinário, ao sistema de ideias adoptado por esse grupo e por ele preconizado».

Aproximando-se do sentido moderno, a concepção é ainda aqui como se vê muito restrita. Pelo contrário *The Oxford Uni-* \*

\* Faculdade de Economia da Universidade do Porto.

*versal Dictionary Illustrated* aponta três sentidos: 1) a ciência das ideias; 2) especulação abstracta ou ideal; 3) sistema de ideias a respeito sobretudo dos fenómenos sociais; a maneira de pensar característica duma classe ou dum indivíduo.

Em 1967 por seu turno a *Enciclopédia Focus* consagrava ao vocábulo uma análise estritamente histórica recordando a diligência de Destutt de Tracy e o ataque de Napoleão aos «ideólogos»; acrescentava que Marx retomaria o termo em sentido diferente ao sustentar que é a existência social dos homens que determina a sua consciência e não a sua consciência que determina a sua existência.

É comum, como se vê, afirmar que a ideologia pode ser entendida como uma ciência. O nosso propósito é aqui precisamente mostrar como, guiando-nos pelos padrões epistemológicos, ainda não existe a ciência do fenómeno «ideologias» e apontar as vias possíveis para a sua construção.

Embora o sentido moderno deste fenómeno seja de aceitação corrente e muito embora por vezes nem sequer seja registado em dicionários escolares como sucede naquele que temos debaixo dos olhos para o qual a *ideologia* seria ou a ciência ou a filosofia tratando das «ideias em si mesmas» indo ao ponto de assinalar ser o mesmo que idealismo ou ainda o conjunto das ideias ou princípios políticos, não dispomos realmente sequer duma abordagem sistemática que tenha em conta aquilo que objectivamente são as *ideologias*.

No entanto dispomos sem dúvida dum acervo vastíssimo de estudos que fornecem elementos de interesse fundamental para avançarmos nesta problemática.

Fenómeno extremamente complexo, pode por isso ser encarado sob múltiplos ângulos tendo em conta que uma ideologia é um tecido mental e prático abrangendo as representações e as actividades dos grupos e dos indivíduos socialmente comandadas.<sup>2</sup>

## 2. O QUE SÃO AS IDEOLOGIAS — NOÇÃO GERAL PRÉVIA

Começaremos, por razões estritamente propedêuticas, invocando algumas das caracterizações das ideologias como fenómeno mental e social prático presente na representação e na «praxis» de qualquer ser humano devidas a alguns trabalhos de pesquisa contemporâneos.

Esta diligência preliminar facilitará certamente o acompanhamento da exposição que se vai seguir por parte de algum estudioso porventura interessado mas insuficientemente documentado sobre o fenómeno que vamos examinar.

Esclareçamos no entanto que não consideraremos tipologias diversas como a de Karl Mannheim que distinguia o conceito *parcial* e *particular* que exprime o egocentrismo político (aliás devia alargar-se o fenómeno a outras dimensões da actividade social e mesmo acerca da interpretação da vida natural) segundo o qual a ideologia... seria «o pensamento político doutrém» dum conceito *geral, total, estrutural*.

Tão pouco, é óbvio, o fenómeno objectivo cristalizado nas ideologias na sua generalidade humano-social se identifica com a «falsa consciência» que constitui apenas uma possível expressão histórica da estrutura ideológica.

Por maioria de razão torna-se evidente que nos afastamos de concepções correntes que, acentuou-o Raymond Aron — oscilam entre o conceito pejorativo e o conceito neutro (ou até laudatorio) — constituindo a formalização mais ou menos rigorosa de uma atitude em relação à realidade social (só acrescentaríamos que ao contrário da tendência dominante consideramos que a leitura ideológica, embora naturalmente aí muito mais intensa, não se verifica somente a propósito da vida social, antes estendendo-se a toda a realidade com que o homem está em inter-acção, incluindo portanto o meio natural).

Nosso ponto de partida é portanto o conjunto do fenómeno ideológico como realidade objectiva nas suas multifacéticas manifestações.

Que realidade objectiva é essa?

1 — Para Louis Althusser é «um sistema (com a sua lógica e o seu rigor próprios) de representações (imagens, mitos, ideias ou conceitos conforme os casos) dotado duma existência e dum papel histórico no interior de dada sociedade» 0).

2 — François Châtelet fornece uma referência descritiva para enquadrar a sua *Histoire des Idéologies* (2): «É o sistema mais ou menos coerente de imagens, de ideias, de princípios éticos, de representações globais e, também, de gestos colectivos, de rituais religiosos, de estruturas de parentesco, de técnicas de sobrevivência (e de desenvolvimento), de expressões que hoje apelidamos de artísticas, de discursos míticos ou filosóficos, de organização dos poderes, de instituições e dos enunciados e das forças que estas põem em actividade, sistema tendo por

C<sup>1</sup>) É esta «fcpificação definitiva» que George Duby utiliza no estudo *Histoire sociale et idéologie des sociétés*, in *Faire de l'Histoire*, Gallimard, 1974, vol. 1, p. 149.

(<sup>2</sup>) *Histoire des Idéologies*, 3, *Savoir et Pouvoir du XVIII<sup>e</sup> au XX<sup>e</sup> siècle*, Ed. Hachette, 1978, pp. 10-11.

finalidade regular no interior duma colectividade, dum povo, duma nação, dum Estado, as relações que os indivíduos mantêm entre si, com os homens estrangeiros, com a natureza, com o imaginário, com o simbólico, os deuses, as esperanças, a vida e a morte».

3 — Por seu turno François Michaux, na perspectiva marxista, concebe a ideologia como «aquilo que constitui os indivíduos em agentes duma determinada prática por intermédio do seu cérebro, pelo que a ideologia é própria de cada prática e não de cada indivíduo» (3), concepção que, doutra maneira também foi sublinhada como «um sistema de opiniões e ideias reflectando directa ou indirectamente as peculiaridades económicas e sociais da sociedade, exprimindo a posição, interesses e objectivos duma dada classe social tendo em vista manter ou modificar a ordem social existente» (4).

Encerraremos estas indicações propedêuticas lembrando que na sua realidade concreta um sistema ideológico se não pode em regra identificar como tal, visto que se isso sucedesse em tais condições deixaria de constituir uma ideologia e que impressivamente têm sido acentuadas algumas das suas características.

Invocar-se-ão duas das contribuições talvez mais sugestivas sob esse ponto de vista.

I — L. Althusser sustenta que a ideologia é uma representação imaginária das condições de existência real dos indivíduos e salienta:

- a) Que é indispensável para assegurar a coesão social;
- b) Tem existência concreta (mental-prática);
- c) Não tem existência material mas é eficaz (é uma das condições reais de existência);
- d) Só existem ideologias concretas;
- e) Constitui um elemento fundamental da reprodução social;
- f) É representação material duma relação imaginária mas actuante pelo sistema ideal (o carácter a que chama de «reconhecimento-desconhecimento») (5).

(3) *Science et Marxisme*, na obra colectiva *Lénine et la pratique scientifique*, Éditions Sociales, Paris, 1974, p. 259.

(4) Vários, *The Fundamentals of Marxist-Leninist Philosophy*, Moscow, Progress Publishers, 1974, p. 475.

(5) Resumido de Saül Karz, *Théorie et politique: Louis Althusser*, Ed. Fayard, 1974, pp. 195-207.

II — Parece-nos também particularmente sugestiva a abordagem de Eliseo Verón, que caracteriza deste modo as ideologias <sup>(6)</sup>:

- a) Abrangem um conjunto de fenómenos extremamente heterogéneos pois cobrem processos que atravessam todas as instâncias duma formação social, a económica, a política, a social; nós diríamos que está presente em todas as instâncias incluindo a estética e a emocional, além das antes referidas;
- b) Não são nada subjectivas, embora devam explicar as manifestações do ideológico ao nível do subjectivo; expulsam-se assim concepções como as de «alienação», de «falsa consciência», de «distorção» ou outras de índole psicologista.  
Nós diremos: Não são apenas algo de subjectivo; são algo de «objectivo-subjectivo-objectivo»...;
- c) Não constituem um conjunto de representação (crítica a Althusser) com regras de avaliação, de valores e categorias cognitivas. Numa primeira fase E. Verón substitui o conjunto de representações pelo de comunicação e numa fase posterior sustenta que a ideologia deverá considerar-se numa perspectiva semiótica.  
Diremos que desta posição apenas retemos a crítica a Althusser na parte em que duma maneira que dá o flanco a reservas sérias o autor de *Pour Marx* vê na ideologia além das suas inegáveis funções práticas também funções cognitivas. Avançamos desde já que na nossa teorização o ponto sensível está na rejeição da existência de elementos cognitivos nos sistemas ideológicos como tais;
- d) Rejeita-se que contenha representações pela razão de a noção de ideologia não designar um conjunto finito de mensagens e sim um conjunto de regras de produção (conjunto de regras semânticas para produzir um número infinito de mensagens);
- e) O que caracteriza a ideologia não é da ordem do conteúdo embora também se possa manifestar parcialmente nesse plano; aliás, as regras de produção do textual ultrapassam até a distinção entre «forma» e «conteúdo»;

<sup>(6)</sup> In «Remarques sur l'idéologique comme production de sens», *Sociologie et Sociétés*, Vol. 5, n.º 2, Novembre, 1972, Canadá.

- f) Constituem uma relação intra-textual — não existem propriedades intrínsecas num texto ideológico — o que mais se pode fazer é comparar com as propriedades doutro ou doutros textos.

E ficamo-nos por esta invocação duma maneira de ver na perspectiva em que o autor começa por sublinhar aquilo em que seu entender uma ideologia *não é*...

### *2.1. Da semântica para o significado contemporâneo do vocábulo*

As referências acabadas de recordar tiveram em vista introduzir-nos no tipo de fenómeno que queremos referir quando falamos nas *ideologias*. O propósito não sairá enfraquecido, cremos que pelo contrário, pela circunstância de as abordagens referidas apontarem não só aspectos diversos como até conflituais.

Se recorressemos à etimologia do vocábulo e à sua semântica original é claro que ideologia significaria qualquer conjunto de ideias ou tratado das ideias (ideia+logos).

E então qualquer sistema de ideias seria uma ideologia. Sê-lo-ia assim qualquer sistema filosófico, qualquer disciplina científica, qualquer teoria disciplinar, qualquer conjunto de ideias do conhecimento corrente.

E se é certo que em qualquer destes objectos ideais podem existir enunciados ideológicos a questão consiste precisamente em distingui-los... Acresce, além disso, que uma ideologia também é uma prática.

Não podemos fugir ao problema duma realidade específica — e tão marcante como esta — pela via semântica, como parece fazerem alguns investigadores (7).

Aliás o trabalho teórico está cheio de termos cuja semântica se desligou da sua origem lexical: basta recordar economia ou economia política, átomo, feudalismo e, mais recentemente, uma expressão como «inteligência artificial», segundo parece forjada no M.I.T. e acerca da qual o especialista Herbert Simon confessava que sua equipa preferiria outra designação como se compreende, mas reconhecendo que «com o tempo se tornará

(7) Parece-nos ter sido essa a atitude assumida por Edgar Morin no encontro realizado em Lisboa em 14 e 15 de Dezembro de 1983 ao afastar esta problemática dizendo que para ele ideologia é «um conjunto de ideias»...

suficientemente idiomática para deixar de ser alvo de retórica barata» (8).

## *2.2. Breve referencia à historia da análise das ideologias até aos nossos dias*

Não se esperará evidentemente que invoquemos aqui a historia do estudo do fenómeno ideológico desde os primeiros autores que deles tomaram consciência até nossos dias. Seria diligência que só por si consumiria dezenas de horas de exposição cristalizadas em centenas de páginas, na hipótese de se não pretender ultrapassar as contribuições mais representativas aquilatadas pelas achegas inéditas trazidas ao debate...

Seria ocioso esclarecer que esta perspectiva é diferente da que se centraliza na história das ideologias como realidade social ao longo dos tempos e que vem merecendo uma atenção crescente duma historiografia especializada voltada tanto para a história das ideologias como para a história das mentalidades e de que a operosa actividade do «Instituto de História e Teoria das Ideias» representa no nosso país um caso particularmente significativo.

O que pretendemos é invocar rapidamente o que tem sido o desenvolvimento das reflexões tendo em vista explicar o próprio fenómeno ideológico como realidade social independentemente da sua concretização na dimensão histórica; preocupa-nos aqui a sua lógica interna, muito embora para compreender uma destas dimensões seja necessário conhecer a outra.

Ora, sob esta óptica, se não existem trabalhos sistemáticos, em contrapartida, como introdução ao estudo quer das ideologias em si mesmas quer do problema da decantação dos discursos ideológicos no interior das ciências, um ou outro autor invoca os primórdios da reflexão sobre a natureza desse fenómeno de influência tão vasta em toda a vida colectiva da humanidade.

E se o termo, como se recordou, foi forjado por Destutt de Tracy (*Elements d'idéologie*) (9), a realidade que aí se assinala não é o fenómeno que designamos por esse significante pois referia-se à doutrina sobre as ideias e seu aparecimento, bem como às leis do pensamento humano. Ao mesmo tempo, em 1795 a Convenção em pleno período revolucionário, criava

(8) In *As ciências do artificial*, Coimbra, Ed. Arménio Amado, 1981, nota 1, pp. 25-26.

(9) Existe edição de 1826, Bruxelas.

o «Institut de France» cujos membros — os «idéologues» reflectiam sobre as ideias de liberdade da Revolução Francesa e procuravam aplicá-las. Porém, como notou Lichtheim e recorda Stuart Hall, esses estudiosos e agentes políticos defrontaram-se com uma contradição lógica pois tomavam a ideologia em dois sentidos que se chocavam: ideologia como conjunto de ideias (e de práticas) da Revolução e ideologia como conjunto de ideias verdadeiras. Depois é o choque das forças sociais e políticas que vai encontrar em Napoleão Bonaparte o agente da grande burguesia que após 1803 entra em conflito com os homens da «classe des sciences morales et politiques» do «Institut» passando a designá-los depreciativamente por «idéologues»... (10).

Contudo já em autores anteriores podemos encontrar uma consciência mais ou menos difusa ou mais ou menos clara do fenómeno ideológico, como em Francis Bacon ao criticar as bases da erudição convencional e sobretudo em Helvetius (1715-1771) que afirmou «serem as nossas ideias a consequência necessária das sociedades em que vivemos».

Porém o fenómeno ideológico tende a ser subsumido pelas interpretações filosóficas idealistas na medida em que aí o sistema de ideias surge materialmente determinado pela vida social. Um exemplo disto é sem dúvida fornecido pelo idealismo transcendental de I. Kant.

Seriam Marx e Engels que retomariam o termo para o aplicar ao fenómeno moderno da ideologia. As ideologias são estudadas por Marx e Engels em função da filosofia materialista dialéctica segundo a qual as ideias se explicam pela vida social e não o inverso. Simultaneamente em muitos dos seus trabalhos, determinados pela luta revolucionária em que se empenharam, a análise é efectuada em função das estruturas da ideologia burguesa centrando-se no falso reflexo da realidade na visão do mundo dessa classe, assim se identificando neste caso com a «falsa consciência». Outras vezes a ideologia é referida a um

(10) Sobre a história da reflexão acerca do fenómeno das ideologias e a longa caminhada no sentido de se tentar a sua explicação filosófica e apreensão sócio-histórica veja-se por exemplo Stuart Hall, «O Interior da Ciência: Ideologia e a 'Sociologia do Conhecimento'», na obra colectiva de colaboradores do «Centre for Contemporary Cultural Studies», University of Birmingham, (de 1977), edição brasileira Zahar, de 1980 sob o título *Da ideologia*, pp. 15-45. Cf. também Jean Servier, *Uldéologie*, «Que sais-je?», n.º 2005, 1982, pp. 3-5.

No artigo de M. Horchermer, «Ideologia y Acción», na revista *Sociológica*, encontrar-se-ão também algumas indicações a este respeito.

fenómeno mais amplo ligando-se à dependência geral da vida espiritual face às relações económicas básicas<sup>(1)</sup>.

Não continuaremos a acompanhar «pari passu» o longo esforço de auto-compreensão do fenómeno ideológico.

Daremos um salto substancial no tempo para vincar apenas que na nossa contemporaneidade se multiplicam os estudos específicos sobre o fenómeno ideológico. Entre eles, além das análises em disciplinas como a Sociologia, a Política e outras ciências do homem, bem como a propósito de problemas interiores a todos os elementos deste sub-sistema do sistema geral das ciências e nas que tratam dos fenómenos da natureza — e mesmo no campo das lógico-dedutivas —, sobressaiem os esforços no campo filosófico, no campo da filosofia das ciências.

Mas se esta reflexão tem uma história de milhares de anos, é particularmente aquém do primeiro quartel do nosso século que se torna perceptível uma viragem que inclui entre seus traços específicos um estudo sistemático das relações entre ideologias e ciências. Efectivamente, conforme tivemos ocasião de sublinhar no estudo em realização tendo em vista a construção da ciência explicativa do conhecimento científico, particularmente aquém da contribuição de Gaston Bachelard nos anos 30, esta nova corrente filosófica (que para distinguir da anterior apelidamos de «Filosofia Epistemológica (das Ciências)») desdobra-se nomeadamente em dois grandes vectores: por um lado esforça-se por formular algumas leis gerais do conhecimento científico e, por outro, por enunciar os principais obstáculos à produção deste género de conhecimento com destaque particular para os obstáculos de carácter ideológico. E a tal ponto que alguns dos seus cultores identificam a Filosofia das ciências com a decantação dos discursos ideológicos no interior das diversas disciplinas.

É evidente, nestas condições, que tal corrente tem trazido uma importante contribuição à análise da natureza e da estrutura do fenómeno ideológico, muito embora sejam frequentes as ambiguidades na tarefa que se propõem, como sucede em particular na «equivalência» entre a distinção do conhecimento científico face ao ideológico e face às estruturas do conhecimento corrente<sup>(2)</sup>.

(1) Os três sentidos de ideologia nos textos de Marx e de Engels que se assinalam no texto foram recolhidos de L. Moskvichov, *Teoria da desideologização*, Ed. Estampa, colecção «Teoria», n.º 32, 1976, pp. 92-103.

(2) Tratamos da evolução da Filosofia das Ciências no volume 4.º da nossa *Teoria do Conhecimento Científico (Epistemologia Geral — II)* prestando atenção em particular à Filosofia Epistemológica (das ciências) a pp. 196-199.

2.3. *As «ideologias» como sistemas de ideias e conjuntos de práticas*

Estamos no ponto que permite avançar para uma análise crítica das limitações insuperáveis que se têm oposto a uma elaboração científica sistemática que explique o fenómeno ideológico e que, simultaneamente, desbloqueando os obstáculos a essa construção, lance as bases deste trabalho teórico verdadeiramente urgente tendo em conta o seu multimodo alcance.

De tudo o que foi dito nesta introdução concluímos portanto que uma ideologia constitui um fenómeno que na sua complexidade se pode desdobrar em duas dimensões estreitamente interdependentes e intercondicionadas; na verdade é por um lado uma concepção geral do mundo com o qual o sujeito humano está em inter-relação e ao mesmo tempo um sistema de intervenção nesse mundo, de actuação na realidade, tudo isto determinado nos seus parâmetros essenciais — embora mediatizado de formas historicamente variáveis — pela posição social que os grupos e seus membros ocupam na sociedade: sistema de leitura e interpretação do mundo em função dessas exigências que emanam das estruturas sociais, implica também o conjunto de práticas do sujeito, de intervenções, das opções estruturais que ele efectua na sua quotidianidade ou nos momentos de «excepção social», ao mesmo tempo que comanda o sistema de objectivos que os seres humanos colocam ao longo da sua existência.

Tal é a lógica interna essencial da prática e do discurso ideológicos.

Desta maneira podemos teórica e metodologicamente desdobrar pelo menos a teorização em dois vectores fundamentais: um diz respeito às ideologias como sistemas de representações mentais, aproximando-se das análises que consideram a estrutura daquilo que se designou por uma «Weltanschauung», uma «visão do mundo»; o outro diz respeito às ideologias como actividade social prática. Porém, em qualquer caso, além de ser evidente que no plano objectivo existe uma ligação inquebrantável entre as duas dimensões, sucede ainda que quer como sistema de representações mentais (subjectivas) quer como *praxis* individual-social (acção social concretizada na actividade individual) este fenómeno diz respeito ao conjunto da vida colectiva e ao conjunto dos enlaces entre o social e o natural e, por esta via, também à acção sobre a natureza.

É por isso também que o fenómeno ideológico interessa como objecto de estudo às mais variadas disciplinas científicas além de estar no centro tanto da reflexão filosófica

geral como das suas vertentes que se debruçam sobre as actividades cognitivas.

Esclareça-se por fim que o nosso exame se concentrará sobre as ideologias como fenómenos da ordem da representação mental, como sistemas de ideias, conceitos, como sistemas de leitura geral do mundo.

No entanto dizer isto não significa identificar o problema com a sua exclusiva dimensão psicológica; ela está sem dúvida presente na teorização desta dimensão fundamental da estrutura mental. Mas não se reduz a ela. Bastaria com efeito reconhecer que tais sistemas de representações ideais são socialmente comandadas para chegar a esta conclusão. Mas não se trata de «colar» elementos exo-psicológicos a uma leitura psicológica. Trata-se antes de estruturar «desde o interior» os elementos sociais que plasmam um sistema ideológico de representações ideais, de símbolos e de relações.

Estamos ineludivelmente em presença duma problemática que se não confunde com a de qualquer ciência existente. É diversa das que caracterizam disciplinas como a Psicologia, a Sociologia, a História das Ideologias, a Política, a Psicologia Social ou qualquer outra, desde a Antropologia à Semiótica passando por sectores disciplinares especializados como a Sociologia do Conhecimento ou a Sociologia das Ciências ou até, mais recentemente, em investigações da ordem informática na inteligência artificial, domínio em que inclusive já têm sido levadas a cabo pesquisas de simulação de ideologias em computadores <sup>(13)</sup>.

<sup>(13)</sup> Não desejaríamos omitir o interesse de que se revestem as pesquisas actuais sobre as ideologias através da técnica do tratamento em computador. Estamos certos naturalmente que daqui poderão advir contribuições importantes a esta teorização. Mas também nos convencemos de que um avanço significativo neste domínio carecerá do apoio da teoria geral das ideologias cuja necessidade e vias de elaboração constituem o objecto desta análise.

Recordamos a este propósito que têm sido realizados trabalhos de «inteligência artificial» no domínio a que por vezes os respectivos especialistas chamam «a cognição quente» para designar certos tipos de ideologias em especial as que designam por «crenças políticas».

Não vá sem se sublinhar que esta posição é rejeitada pela nossa «para-teorização» das ideologias na medida em que, como veremos, as consideramos como um sistema de ideias não-cognitivas pelo que a sua contraposição, como «cognição quente» à verdadeira cognição que nestas pesquisas é designada por «cognição fria» não pode aceitar-se, a menos que esta «cognição quente» designe uma «não-cognição» pondo-se então aos especialistas de inteligência artificial saber o que é essa «não cognição»...

Acresce naturalmente que as tentativas concentradas nas ideologias políticas se compreendem porque são em regra mais transparentes do que noutras instâncias da actividade social e até talvez

Trata-se ainda dum esforço de explicação sistemática que se distingue das diligências filosóficas na medida em que a sua especificidade como ciência resulta da grande diferenciação cognitiva entre este tipo de gnose e a que respeita ao conhecimento filosófico: este, como já temos acentuado, não tem objecto teórico no sentido de construir categorias e enunciar leis com as limitações da ordem estrutural e da delimitação das disciplinas científicas sendo nisso que consiste a generalidade dos enunciados filosóficos e não no grau do conteúdo da sua generalidade ontológica — a generalidade das categorias e leis

em alguns domínios da natureza em especial quanto a fenómenos biológicos e cosmológicos.

Podem ver-se referências a este ramo da investigação por exemplo em Margaret A. Bodgen, *Artificial Intelligence and Natural Man*, The Harvest Press, 1981 (1.ª edição em 1977) pp. 66-91: referem-se aí os trabalhos de Fritz Heider e de Abelson com a «Ideology machine» bem como o programa computacional de K. M. Colby, com base num modelo psico-analítico.

Curiosa a «Ideology machine» de Colby como modelo para encontrar respostas a problemas de política externa norte-americana na perspectiva dum dirigente político da direita como Barry Goldwater (p. 69 e ss.).

Também se podem recolher informações de interesse acerca da simulação de actividades ideológicas no computador em outros estudos, como por exemplo no livro de Jaime G. Carbonell, *Subjective Understanding — Computer Models of Belief Systems*, Umi Research Press, Ann Arbor, Michigan 1979 (utilizamos a reedição de 1981); começando logo no prefácio por se referir à «máquina ideológica» de Robert Abelson criada mais de dez anos antes que tinha a limitação de «não poder incorporar correctamente conhecimentos acerca da realidade ‘mundana’ para dar as suas respostas» como sucedeu ao afirmar que os radicais sul americanos tinham construído o «muro de Berlim» pois «construir o muro de Berlim» fora classificado como uma acção praticada por comunistas. A observação antes efectuada continua a aplicar-se aqui na medida em que tendo Carbonell avançado neste domínio da «inteligência artificial» continua a confundir «raciocínio ideológico em particular e compreensão subjectiva em geral». Mas, seja como fôr, este estudo elabora uma teoria introduzida no programa do computador que interpreta descrições de acontecimentos segundo variadas perspectivas ideológicas e subjectivas, consoante escreve o próprio autor. A pesquisa além disso também se dirige aqui para a ideologia política. Arranca-se da concepção de que compreensão subjectiva consiste nas «diferentes maneiras através das quais as pessoas interpretam uma história (‘story’) em função dos seus interesses subjectivos, motivações pessoais, crenças e conhecimento acerca dos intervenientes nesses sucessos, nessa ‘story’...

É claro que a estes dois exemplos incidindo sobre pesquisas de ideologias através dos vectores fornecidos por programas introduzidos em computador muitos outros se poderiam acrescentar. No próprio livro de Jaime Carbonell inclui-se a final uma bibliografia em que se assinalam cinquenta e dois estudos entre livros, «papers» e artigos de revistas.

filosóficas é de estrutura gnosiológica e não de conteúdo ontológico. Sob este último aspecto existem leis científicas duma generalidade material que se não encontra em muitas leis filosóficas como por exemplo, a lei da gravitação universal ou a segunda lei da termodinâmica face a uma lei filosófica do domínio antropossocial (como por exemplo a lei tendencial filosófico-histórica que liga a intensificação do dinamismo social à complexização estrutural das organizações sociais).

Mas deixemos esta referência — embora não a consideremos deslocada — na medida em que aponta para a natureza epistemológica da ciência das ideologias cuja dimensão como sistemas de ideias, de categorias, de relações e de símbolos constitui o centro das nossas preocupações nesta exposição.

É esta questão, a questão da construção de tal sistema científico-disciplinar, que vamos considerar agora.

### 3. A TEORIA (CIENTÍFICA) DAS IDEIAS

#### *Os vários tipos de ideias*

a) No plano cognitivo:

- 1 — Do conhecimento corrente;
- 2 — Do conhecimento científico;
- 3 — Do conhecimento filosófico;
- 4 — Do conhecimento na estética.

b) No plano não cognitivo: as ideias específicas das ideologias.

\*

\*\*

A nossa proposta no sentido de abrir uma via à explicação científica sistemática e organizada do fenómeno ideológico, quer dizer, da construção da disciplina que seja capaz de enunciar entretidamente as categorias e as leis genéticas, transformacionais e reprodutoras das representações mentais consubstanciadas nos corpos ideológicos, parte duma teorização em que estamos empenhados há vários anos, muito embora seja perfeitamente distinta daquilo que se relaciona com essas questões.

Trata-se duma abordagem diferente mas que exigiu o esforço teórico-organizacional de base de triagem destas estruturas como condição essencial à nossa própria diligência.

Teremos por isso de, ainda que em meia dúzia de frases, assinalar essa construção teórica. Efectivamente, voltados para uma tentativa científico-disciplinar tendo por objecto o conhecimento corrente como elemento prévio para chegar ao nosso alvo central, a teorização disciplinar do conhecimento científico (primeiro em geral e depois nas suas expressões sectoriais e sub-sectoriais nas ciências lógico-dedutivas, nas ciências da natureza e por fim nas ciências do homem — nosso objectivo bem como ao nível desta problemática (a que chamamos epistemológica) em cada disciplina concreta existente) semelhante diligência exigiu, como sucede de resto em qualquer esforço deste género, uma definição desde o interior duma problemática inédita. Inédita porque resultante das exigências teóricas e metodológicas impostas pelo desenvolvimento da investigação sem aceitação quer dos problemas quer das vias metódicas adoptadas noutros campos para atacar o problema gnosiológico, incluindo naturalmente os caminhos filosóficos.

Uma das primeiras exigências desta via consistiu precisamente em encontrar as leis genéticas e transformacionais do conhecimento corrente. E isto, por seu turno, não pôde ser obtido com o recurso à caracterização dos enunciados ideológicos que têm uma natureza diversa.

O problema clarifica-se em particular quando passamos à distinção entre o conhecimento científico e o conhecimento corrente; encontram-se aí obstáculos que as diversas contribuições filosóficas não lograram superar. Manifestam-se inclusive nas análises que ao procurar explicar esse «corte epistemológico» o identificam com a distinção entre enunciados científicos e enunciados ideológicos pois estão-se a misturar dois planos diversos. O problema é difícil por certo pois consiste em distinguir ciências de conhecimentos correntes no plano exclusivo dos processos gnosiológicos. Aliás são até frequentes, desde Bachelard inclusive, as confusões entre um e outro plano, falando-se por vezes na irrupção do conhecimento científico a partir do corrente ou indiferentemente separando-o de enunciados ideológicos.

É claro que no processo histórico de construção tanto da ciência do conhecimento corrente como da ciência do conhecimento científico para as quais temos propostas elaboradas como inclusive para a possível construção da ciência do conhecimento filosófico (para a qual não foi dado ainda qualquer passo mas que é perfeitamente viável) em fase avançada de elaboração teórica, é necessário ter em conta as representações ideológicas. Estamos certos porém que isso só será possível quando existir a ciência explicativa das ideologias. Simultaneamente não estão aqui os caboucos dessas construções disciplinares em cujos ali-

cerees, de acordo com as próprias exigências da organização estrutural hierarquizada dos seus objectos teóricos, as diligências prévias indispensáveis estão voltadas para a formulação das leis e das categorias gnosiológicas correspondentes no conhecimento corrente primeiro e no conhecimento científico depois, dado que são tipos específicos de gnose.

Esta diligência teve naturalmente de ser completada pelo próprio trabalho em acto no sentido de teorizar o conhecimento médio humano espontâneo em cada época histórica como processo específico de adaptação ao meio. Mostrando que se trata de elaborações representativas de processos reais e que o seu carácter é não empírico, o que também é característica dos conhecimentos científico e filosófico, ficamos armados para poder distinguir as representações tipificadoras de objectos e relações reais mentalmente elaboradas a que chamamos conhecimento na medida em que representam processos objectivos que se procuram traduzir nessas elaborações mentais, face às representações, ideias e categorias que não resultam destes processos.

Não podemos naturalmente prosseguir recordando uma proposta teórica que não encontramos motivos até hoje para rejeitar, quer através de investigações pessoais ulteriores quer das indispensáveis — mas até hoje inexistentes — contribuições crítico-teóricas.

Para tudo isso remetemos para as parcelas já elaboradas da teorização que vimos apresentando em letra de forma desde há dez anos (14).

(14) Além das elaborações mais ou menos circunstanciais reunidas no volume *Problemas de Conhecimento do Conhecimento*, Ed. Assirio & Al vim, Lisboa, 1981, referimo-nos ao trabalho em realização *Teoria do Conhecimento Científico*, cujo sexto volume abrangendo a III Parte da Epistemologia Geral foi já entregue ao editor.

Nos dois primeiros tomos dessa obra publicados em 1975 e 1978 procurou-se esboçar um sistema científico geral do conhecimento médio humano corrente a partir duma problemática própria começando por se utilizar contribuições polidisciplinares várias desde a Psicologia cognitiva (nomeadamente a Psicologia Genética de Jean Piaget), passando pela História, pela Sociologia e pela Antropologia até à Paleoantropologia.

Veja-se quanto ao problema da exclusão da ideologia do processo de teorização deste tipo mais comum e geral de conhecimento humano por exemplo pp. 62-63, 66-67, 96-97, 234-237 e 242-244 do tomo primeiro onde a certa altura se escreveu, «...importa a todo o custo cortar a tentativa de dissolução ideológica da problemática científica, o que só é possível (no plano intelectual) através da própria explicação científica... ocupando uma posição interna central nessa sede a ciência que explica a actividade gnosiológica» (p. 96).

Concluamos portanto que um corpo de explicação científica das ideias como produto da actividade cognitiva estará incluído nas teorias disciplinares que incidem sobre o conhecimento, tanto em geral como nas suas expressões científica e

Por seu turno na continuação dessa elaboração destacam-se as análises de pp. 182-193 e 382-385 do tomo segundo. Em particular esforçamo-nos por acentuar a diferença entre conhecimento corrente como representação de processos objectivos traduzidos por essas elaborações e que mantêm a sua índole mesmo quando existe uma captação de aparências imediatas enganadoras mas que traduzem ainda nessa aparência enganadora (como resultado do entrecruzar da objectividade reflectida pelo pensamento e da interligação entre o sujeito portador desse pensamento e aquilo que se quer traduzir) processos objectivados de adaptação a essa parcela do meio. É o caso da representação do carácter imóvel da terra ou do movimento do Sol em torno do nosso planeta-mãe. É que a adaptação ao meio é histórico e as suas exigências tendem a crescer com necessidades novas de domínio de facetas desse meio externo... Por isso se escrevia então que não se pode confundir conhecimento com especulação mental: mesmo no sujeito que desenvolve a actividade mental especulativa (que acrescentamos é uma das expressões concretas do ideológico) a sua índole extra-gnosiológica, sendo naturalmente negada pelo próprio sujeito, nem por isso deixa de ser exacta e teoricamente explicável...

Por fim nos volumes seguintes concentrados na teorização do conhecimento científico em geral como tipo específico de conhecimento, a distinção entre as representações cognitivas e aquelas que, embora igualmente mentais não constituem este ou qualquer outro tipo de cognição, veja-se por exemplo no vol. 3.º, pp. 68-71, 120-5, 132-133, 142-151, 178-181 e 184-185. Sendo impossível sublinhar agora todos os aspectos aí focados bastará exemplificar com as referências em que excluimos da base da teorização as «infiltrações» ideológicas, ao vincar-se a natureza diversa de ciência e de ideologia >endo aquela um carácter de fenómeno gnosiológico que falta a esta. Em particular a nossa teorização do «corte epistemológico» contém os ingredientes fundamentais que permitem colocar a problemática própria que a teoria das ideologias tem de considerar. A circunstância de ciência e ideologia andarem normalmente combinadas, escreveu-se a certa altura, não quer dizer que tenham a mesma índole estrutural, nomeadamente gnosiológico (p. 132).

Para outros pontos relacionados com a exclusão das representações mentais ideológicas da actividade gnosiológica veja-se ainda, no tomo quarto, em particular o que se escreveu a pp. 56-57, 104-5, 132-133 e 210-215, agora acerca do próprio objecto teórico da Epistemologia Geral como disciplina explicativa do conhecimento científico.

A presença desta estrutura diferencial dos fenómenos gnosiológicos face aos ideológicos mesmo quando estes se manifestam no pensamento e nas suas elaborações de ideias, sistemas de ideias e relações implícitas ou explícitas é de projecção tão significativa que afloram ainda no tomo quinto (a publicar) muito embora grande parte da teorização respeite ao objecto científico-disciplinar e à análise crítica de filosofias das ciências contemporâneas, como as que resultam das propostas de Karl Popper, Thomas Kuhn, Imre Lakatos, Feyerabend e outros conhecidos estudiosos neste domínio...

filosófica. Acrescentemos a isto que, se para os dois primeiros tipos propomos já os respectivos corpos teóricos, a circunstância de não podermos ainda oferecer qualquer proposta semelhante no que concerne ao conhecimento filosófico não impede que nas outras duas «démarches» não tivéssemos de pelo menos avançar com algumas das categorias cognitivas que lhe são específicas, conforme de resto ainda há pouco assinalávamos.

a) *No plano cognitivo*

Dando mais um passo no enquadramento da proposta teórica concentrada na problemática da explicação científica dos sistemas mentais ideológicos podemos portanto afirmar que existem ideias, representações mentais, que traduzem o esforço psico-social de adaptação ao meio pelas tipificações de fenómenos ou relações existentes no meio externo que essas representações procuram traduzir; tais representações, sempre aproximadas e incompletas (o que pode até ser uma condição da sua eficácia de adaptabilidade) podem ser enganadoras, mas mesmo quando isso sucede fornecem meios eficazes de adaptação informativa e actuante sobre esse meio em função das exigências sócio-históricas existentes numa dada sociedade e em dada fase da sua evolução. Quando se ultrapassa o muro dessa adaptação social-histórica ao meio pode encontrar-se, seja por detrás duma variabilidade fenomenal concreta, seja para além duma relação que não corresponde às propriedades objectivas subjacentes, relações (ou uma relação) mais gerais. É por isso que historicamente a explicação científica consiste em encontrar relações (nomeadamente causais) que subjazam a manifestações fenomenais variadas; consiste em encontrar a unidade subjacente à multiplicidade do fenomenal «escondido» sob o aparente acessível à cognição corrente média. Podem ainda essas representações mentais construídas para além da adaptação antropológico-social-histórica média permitir o enunciado de relações (e ainda de novos fenómenos não acessíveis ao conhecimento corrente) através duma combinatória de elementos multidisciplinares ou tirados em conjunto do conhecimento corrente e de alguma ou algumas disciplinas sem os limites inerentes a qualquer disciplina científica — e temos então as ideias do conhecimento filosófico.

Finalmente, para assinalar um quarto e último tipo de ideias de carácter cognitivo há ainda que apontar, no complexo fenómeno estético, a comparticipação do elemento cognitivo na sua projecção específica mas que nem por isso deixa de representar também ideias com índole gnosiológica.

Tal especificidade pode muito rapidamente sublinhar-se recordando que enquanto a ciência fornece explicações (e com a sua índole própria o mesmo acontece com a filosofia) «reduzindo o complexo visível ao invisível simples» como sugestivamente acentuou um autor, o elemento explicativo contido no complexo cognitivo-afectivo-emocional da obra de arte tem carácter diferente — destaca o típico no concreto sem reduzir a complexidade às suas determinantes internas mais simples. Por isso se a imagem artística não é conceitual como já se tem afirmado, nem por isso lhe faltam elementos conceituais. Eles combinam-se, na sua tipicidade, com elementos afectivos, emocionais e também ideológicos. Neste sentido duma maneira *sui generis* apontam para «a explicação sem explicar». Este aspecto que acentua a inter-relação entre o plano cognitivo e outros dentro do fenómeno estético, vem a talhe de foice para sublinhar a existência a despeito de todas as suas especificidades (e poderia admitir-se outras como a circunstância de na estética a expressão cognitiva estar antes de mais nada ligada ao conhecimento do humano mesmo quando se trata da natureza ou registando a afirmação de Jaakko Hintikka de não ser conceitualmente intencional) <sup>(15)</sup> de ideias cognoscitivas com traços peculiares nesta quarta dimensão além das três anteriores <sup>(16)</sup>.

Em síntese e em resumo podemos portanto assinalar quatro tipos de ideias correspondentes a outros tantos tipos de conhecimento dentro desse grande continente que é a gnosiologia humana.

Porém existe ainda outro tipo de ideias, essas grandes «outsiders» do continente gnosiológico.

<sup>(15)</sup> Jaakko Hintikka, *The intentions of Intentionality and other new Models for Modalities*, Dordrecht/Boston, D. Reidel Publishing Co., 1975, pp. 195-8.

<sup>(16)</sup> Existem naturalmente múltiplas análises que consideram na teoria da estética o aspecto particular dos elementos conceituais-cognitivos na obra de arte com as suas especificidades.

Quer a propósito dos diversos tipos de fenómenos cognitivos e quer mesmo para salientar as interligações da actividade gnosiológica com outras dimensões humanas (nomeadamente a afectiva e a axiológica) houve que recordar tais aspectos da nossa *Teoria do Conhecimento Científico*, como sucedeu no tomo primeiro a p. 59 a propósito do fenómeno gnosiológico na estética ou, quanto àquelas inter-relações, nesse mesmo volume a pp. 59, 87 e 170-1 ou no volume segundo a pp. 116-9, 127-8, etc.

Aliás no nosso livro *Camões e a Sociedade do seu tempo*, Lisboa, Editorial Caminho (1980) procuramos muito sinteticamente concentrar a atenção em alguns pontos mais salientes do fenómeno artístico incluindo a sua expressão cognitiva (pp. 26-29).

b) *No plano não cognitivo: as ideias específicas das ideologias*

O desenvolvimento teórico efectuado até aqui permite-nos portanto sustentar que a característica fundamental específica das representações mentais ideológicas (imagens, símbolos, conceitos, etc.) resulta de não terem natureza gnosiológica. Toda a fundamentação vai nesse sentido. É isto que nos permite portanto falar em ideias não cognoscitivas que são as que caracterizam o discurso ideológico, tanto faz que se trate das que se exprimem num mito como numa interpretação socialmente interessada duma classe social, do processo histórico, da estrutura social, do darwinismo social à sociobiologia ou, nas ciências da natureza, acerca, da teleonomia biológica, do indeterminismo quântico na física, bem como na filosofia a leitura neo-positivista e muitas outras.

O mesmo se dirá naturalmente dos sistemas de leitura corrente da vida social e natural, tanto faz que se trate das visões míticas primitivas como das mais diversas representações que, traduzindo ideologias diversas coexistem em qualquer sociedade contemporânea com graus de coexistência e de dominância duma delas em função das estruturas globais da respectiva colectividade.

Isto não quer dizer obviamente que o diagnóstico e a decantação da dimensão ideológica nas representações mentais globais existentes em cada sociedade constitua uma tarefa fácil.

Efectivamente as «ideias ideológicas» combinam-se sempre com as «ideias gnosiológicas» e, mais do que isso, interpenetram-se e intercondicionam-se, tanto mais que os conceitos cognoscitivos resultam também duma elaboração individual-social que há que estender mesmo até à actividade perceptiva ao mesmo tempo que a panóplia sensorial é ela própria modificada e tecnologicamente ampliada pela acção colectiva, hoje graças sobretudo aos avanços científicos. Havemos de reconhecer inclusive que a «impureza radical» da actividade gnosiológica é co-determinada pelas influências ideológicas, impostas na sua origem pelos interesses sociais que destilam os próprios sistemas ideológicos.

Mais ainda — não é difícil verificar que no interior do discurso ideológico existem elos de ligação de natureza cognoscitiva: Simplesmente estão aí subordinados aos interesses da lógica desse discurso e não à mera expressão de propriedades objectivas do sector respectivo da realidade reflectida nas construções de conhecimento.

E podemos dar mais um passo reconhecendo que pululam os sistemas ideológicos (a que podemos chamar eruditos) que utilizam elementos do conhecimento científico para «coonestar»

o seu discurso. Aliás a historia do pensamento filosófico ministra muitos destes exemplos, em particular naquilo a que chamamos a «especulação filosófica» que não é senão a extroversão de representações ideológicas coadas pela capacidade mental, pela sensibilidade e pela experiência social do respectivo protagonista.

Sempre porém, no interior do tecido ideológico, os elementos cognoscitivos, sejam eles quais forem, se implantam ao serviço da lógica interna da representação acognoscitiva e socialmente interessada que nele se materializa.

Acresce, além disso, que na sua actividade quotidiana os indivíduos têm de tomar atitudes e dispor de interpretações para situações e fenómenos que não estão cobertos por conhecimentos comuns correntes e muito menos por conhecimentos científicos. Mesmo quando eles existem, em numerosas situações (o que é particularmente vincado em relação ao património científico disponível em dado momento e em certa colectividade) não estão ao dispor concreto dos indivíduos como elemento representativo e guia da sua conduta: o ideológico ocupará também estes imensos espaços vazios <sup>(17)</sup>.

É pois a estrutura global do discurso e a sua intencionalidade que fornecerão a chave para o diagnóstico da índole ideológica ou gnosiológica dum sistema de representações mentais e de condutas com ele relacionadas.

Porém se o problema não é fácil é no entanto resolúvel através da abstracção teórica. Caso a nossa proposta tenha validade ilustrará isto mesmo.

(17) A necessária ocupação ideológica dos espaços vazios deixados pelo não-conhecimento independentemente das imposições decorrentes da inserção social do sujeito (pelo menos directa e imediatamente) ocorre numa imensa variedade de situações, muitas delas nem sequer facilmente previsíveis. É o que acontece com as próprias limitações naturais-sociais do indivíduo na actividade prática de quantificação, para já não falar dessas limitações no plano da mensuração científica que é sempre aproximada como todos os dias aprendem por exemplo os físicos nucleares...

Uma ilustração talvez baste para o sublinhar. Seja a que apresenta Pierre Raymond a propósito da opacidade da experiência ao invocar a análise apresentada por H. Poincaré em *La Science et l'hyryothèse*: na pesagem manual não é possível distinguir um peso A de 10 g e um peso B de 11; nem tão pouco um peso B de 11 e um peso C de 12 g devido aos limiares da percepção; mas consegue-se distinguir A de C e assim se ultrapassando esse limiar; a experiência permite concluir portanto que  $A = B = C$  e  $A < C$  (in *Le passage au matérialisme*, 1973. p. 41). Se o caso em si não é uma manifestação ideológica, como é óbvio, serve para apontar limites da estrutura perceptiva que só por si abrem a porta à entrada de representações ideológicas em múltiplos planos.

#### 4. O PROBLEMA DA TEORIZAÇÃO DAS IDEOLOGIAS

##### a) *As análises dos nossos dias*

##### I — Na Filosofia (epistemológica) das ciências

Não se esperará que nesta rápida viagem teórica nos embrenhemos numa problemática tão vasta como é a que se refere às contribuições e aos limites das actuais análises da filosofia das ciências, às quais de resto já se fez uma referência perfunctoria.

Neste momento só desejaríamos salientar que além dos aspectos registados nas referências da «Introdução», em especial à vasta contribuição de Louis Althusser e de alguns dos numerosíssimos investigadores posteriores, nos foram facultadas concepções do maior interesse. É o caso da representação das ideologias como realidade geral de toda a vida social e do seu carácter duplo (de representação mental e de actividade prática) entre muitas outras. E entre muitas outras poderia invocar-se a coexistência histórica possível de várias ideologias numa sociedade com o predomínio duma delas (a ideologia dominante), aliás estas concepções têm sido criticadas por vários autores<sup>(18)</sup>.

Outro aspecto que valerá a pena referir é a concepção althusseriana de *Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE)* para referir as instituições sociais como o aparelho escolar, as instituições académicas ou os meios de comunicação social no desempenho da função de veicular as concepções ideológicas dominantes.

Porém o centro de toda a diligência, quer desse conhecido filósofo francês como de muitos outros autores, encontra-se, como se assinalou suficientemente, no esforço sistemático no sentido de depurar as ciências dos discursos ideológicos que nelas aparecem. Somente a designação para tal fenómeno não tem nada de feliz porquanto não se trata de «ideologias teóricas», expressão que atribui natureza cognitiva às concepções ideológicas e antes, na realidade, de «incrustações ideológicas» no discurso teórica.

É claro que além da ambiguidade radical das abordagens do fenómeno ideológico resultante de se não assinalar sua característica agnosiológica, sucede até que semelhante natureza lhe é atribuída explicitamente.

<sup>(18)</sup> A filosofia althusseriana tem sido objecto de críticas variadas, nomeadamente desde um ponto de vista ideológico «esquerdista». No que respeita à sua filosofia da ideologia, por exemplo Jacques Rancière, «Sur la théorie de l'idéologie politique d'Althusser», *L'Homme et la Société*, n.º 27, 1973, pp. 31-61.

II — Nas análises regionais das ciências e nas análises científico-disciplinares

Se quiséssemos esboçar um panorama minimamente significativo acerca da crescente atenção prestada aos «quistos ou simples brotoejas» ideológicas no interior dos sistemas científicos teríamos não só de consumir horas de atenção como isso sucederia mesmo que a observação fosse limitada, já não dizermos a qualquer sub-sistema científico (como as ciências da natureza por exemplo), mas até a uma única disciplina. E isto sucederia ainda que o estudo se não efectuasse sob a perspectiva da história dessa disciplina restringindo-se somente ao problema das leituras ideológicas inseridas num sistema científico como a Biologia Molecular, a Física Quântica ou outra qualquer disciplina actual incidindo sobre os fenómenos da natureza.

O tempo disponível não permite sequer exemplificar esta realidade, tanto mais que começamos a ter a impressão de que esta abordagem já vai longa.

Porém, se virarmos a atenção para as diversas disciplinas do sub-sistema das ciências do homem, devido à própria natureza da realidade sobre que elas incidem, como é natural as «ilhas» ideológicas assumem uma relevância imensamente superior.

E se ineludivelmente não seria difícil apontar trabalhos disciplinares em que a questão ideológica é omissa, duma maneira geral isso resulta precisamente de preconceitos ideológicos (como tais naturalmente inconscientes) dos seus autores — não esqueçamos realmente que uma ideologia se ignora como tal...

Em compensação, no pólo oposto multiplicam-se análises que tendem a ampliar a dimensão e a função das ideologias nas disciplinas que procuram teorizar a actividade social <sup>(19)</sup>. Que aliás este fenómeno tem com frequência uma raiz ela própria ideológica porque se liga aos anseios socialmente determinados com o fito de encontrar explicações exaustivas para os fenómenos sociais, isto já foi argutamente detectado por Oskar Morgenstern quando afirmou «que se está disposto a

<sup>(19)</sup> Sem excluir as contribuições aceitáveis que frequentemente propiciam posições super-valorativas dos obstáculos ideológicos na elaboração das ciências sociais recordam-se exemplificativamente as seguintes:

Stanislav Andreski, *Les Sciences Sociales, sorcellerie des temys modernes*, Presses Universitaires de France, 1975 (1.ª edição em 1972);

Hilton Japiassu, *Nascimento e morte das ciências do homem*, Ed. Livraria Francisco Alves, Botafogo, 1978.

Paul Claval, *Les mythes fondateurs des sciences sociales*, PUF, 1980.

admitir que não sabemos tudo acerca da natureza... mas ao mesmo tempo aceita-se sem vacilação que possamos pretender explicar com uma grande exactidão o mundo económico e social, cuja complexidade é incomensurável» (20).

Se não dispomos de tempo e espaço para mais, seja permitido no entanto pelo menos invocar concretamente a disciplina a que especialmente nós todos estamos ligados num ou noutro dos seus principais sectores.

### III — Na História

Efectivamente, se é certo que o papel das ideologias na construção das mais variadas ciências sociais é imenso (e a tal ponto que autores há que filiam nessa realidade pelo menos grande parte da sua concepção céptica acerca das possibilidades de elaboração de tais tipos de conhecimento no que respeita ao social (21)), o «pesado lugar geométrico» de tudo que respeita ao ideológico aprofunda-se e alarga-se na História.

O que não pode surpreender porque, como sugestivamente escrevia Althusser há quinze anos, ela é o «continente interdito porque abarca tudo». Mas entendamo-nos: abarca tudo no sentido de cobrir qualquer dimensão da actividade antropológica; todavia as exigências da construção científica originam novas dificuldades porque não abarca tudo, quer dizer, repetindo o que também já foi sublinhado, «nem tudo o que se passa na história é histórico»...

Razões bastantes para que aqui nos limitemos a chamar a atenção para o imenso alcance de que se reveste o diagnóstico das leituras ideológicas das interpretações históricas seguido, quando for caso disso, da expulsão do seu papel distorçor.

É que aqui, com efeito, além do peso dos interesses sociais coados mentalmente numa maneira inconsciente, manifestam-se condições favoráveis aos mais diversos agravamentos das deformações heurísticas dos processos históricos. É o que sucede

(20) In «L'Économie est-elle une science exacte?», *La Recherche*, Paris, n.º 18, 1978.

(21) Não faltam de facto autores que pelo menos chamam a atenção para as extraordinárias dificuldades que se erguem à construção das ciências sociais. Ainda recentemente, num livro publicado há um ano, escrevia Serge Latouche: «Contrairement à ce que l'idéologie scientiste donne à entendre, la possibilité même d'une science sociale, c'est-à-dire d'une connaissance théorique et objective de la réalité sociale ne va pas de soi. Il faut prouver cette possibilité. Le savoir théorique de la vie sociale n'est concevable que dans *certaines circonstances historiques particulières*; c'est un savoir hypothéqué». *Le procès de la science sociale*, Paris, Anthropos, 1984, p. 171).

por exemplo com a circunstância de a ideologia espacializar a duração histórica, como notou J. Gabei, tornando-se o espaço no meio que permite isolá-lo do tempo, ao mesmo tempo, que este é o meio que proíbe a reversibilidade; e a ideologia facultava essa marcha atrás desobjectivada (22).

Acresce que o próprio historiador não pode fugir à ideologia só tendo escapatória parcial pela porta do domínio epistemológico e metodológico do seu labor, mesmo quando porventura sua ideologia pessoal em vez de constituir um obstáculo desempenhe pelas próprias condições históricas um factor favorável à construção científica.

É com efeito errónea não só a tese ideológica da desideologização como a concepção do enfraquecimento histórico da sua fenomenalidade e incidências, concepção ainda não há muitos anos sustentada por exemplo por Ratko Milisavljevic (23) — não é verdade realmente que a influência dominante do pensamento ideológico entre em crise e enfraqueça.

É inegável que as ideologias até recuperam e reelaboram as conquistas científicas e suas aplicações tecnológicas. Consoante sugestivamente recordava René Duchac, «se a Idade Média tinha os seus apocalipses, nós temos os nossos; o abominável homem das neves e os OVNIS equivalem-se bem aos licórnios e aos lobishomens».

Seja-me permitido amenizar a exposição recordando aquilo que o conhecido físico Werner Heisenberg relatou a propósito do impacto dos progressos técnicos sobre as tradições culturais visto também ilustrar o que se pretende aqui acentuar.

«Era uma vez um velho rabino célebre pela sua sabedoria a quem toda a gente pedia conselhos. Procurou-o um homem desesperado com as mudanças à sua volta, queixando-se dos males do progresso. O velho rabino respondeu-lhe que se era possível que os imensos avanços técnicos não tivessem qualquer valor comparados com os verdadeiros valores da vida, no entanto quando se tem uma atitude justa (acrescentaríamos aqui que essa atitude envolve pelo menos em grande medida posições ideológicas) pode aprender-se algo seja com o que for. O visitante contrapôs-lhe que nada se poderia aprender com sistemas técnicos tão absurdos como o caminho de ferro, o telefone ou o telégrafo. Enganas-te, retorquiu o rabino: O caminho de ferro pode ensinar-te que por um instante de atraso podes tudo perder; o telégrafo ensina-te que cada palavra conta; e o tele-

(22) *A Falsa Consciência*, Guimarães & C.<sup>a</sup>, 1979, p. 323.

(23) Opinião avançada na obra *Environnement, idéologie et science*, Paris, Anthropos, 1978, pp. 270-272.

fone pode ensinar-te que aquilo que dizemos aqui pode ouvir-se ali...» (24). Aliás, é sabido que o investigador histórico pensa inclusive com instrumentos técnicos do seu tempo e, mais do que isso, como sublinhou Serge Moscovici, a sua perspectiva é mediatizada pela técnica (25).

Porém, sob a perspectiva das determinações globais, não há dúvida de que a História se vê envolvida num pesado nevoeiro ideológico como o exame dos panoramas sociais concretos revela, a começar pelo nosso próprio e a terminar naqueles que mais influência exercem entre nós, como sucede com a historiografia francesa, que foi recentemente analisada em profundidade por um autor francês acerca do quadro fornecido pela Escola dos «Annales», com a vantagem de se não tratar dum estudioso ideologicamente nos antípodas dos seus principais representantes (26).

Finalizaremos chamando a atenção para a circunstância de ter raízes ideológicas a própria discussão da cientificidade ou acientificidade da História.

Tema extremamente vasto, se é certo que existem contribuições de alto interesse que mesmo assim não assumem — até reconhecendo-o expressamente — a índole de construções científicas, o problema reside na negação da possibilidade epistemológica de construção da História como ciência social. Não têm outra origem, no fim de contas, as próprias classificações das ciências sociais em «nomotéticas» e «ideográficas», estas afirmadas para nelas incluir a História que seria assim «a ciência social não científica» na medida em que somente as disciplinas nomotéticas procurariam extrair leis da realidade social observada, ao passo que as «ciências históricas do homem» visariam reconstituir e compreender o desenrolar de todas as manifestações da vida social no decurso do tempo (seriam pois

(24) W. Heisenberg, *Physique et Philosophie*, Paris, A. Michel, 1971 (1958), pp. 272-3.

(25) Acentuado por Michel de Certeau, «A operação histórica», in vários autores, *Fazer História*, Ed. Bertrand, Lisboa, 1977 (1974), pp. 32-35.

(26) Referimo-nos a Hervé Coutau-Begarie, *Le Phénomène Nouvelle Histoire — Stratégie et idéologie des nouveaux historiens*, Paris, Ed. Económica, 1983. Além de examinar a estrutura interna da obra historiográfica dos investigadores da orientação dos «Annales», Coutau-Begarie chama a atenção para as suas expressões sociais mais ou menos directas e imediatas, como o seu carácter de «corporação fechada», o controlo sobre as edições, a «VI<sup>e</sup> Section» da «École Pratique des Hautes Etudes en Sciences Sociales», a universidade, os meios de comunicação, os manuais escolares e para as estratégias adoptadas na luta ideológica contra as historiografias alternativas...

descritivas, ideográficas): tratar-se-ia no fim de contas realmente de «ciências não científicas»... (27).

IV — Um domínio imenso com uma literatura vastíssima:  
uma bibliografia exemplificativa

De tudo quanto se acaba de observar acerca das ideologias estudadas nos mais variados campos da estrutura interna da sua fenomenalidade considerada duma maneira geral (e tanto se trate das análises filosóficas como desde o interior de exames disciplinares nas ciências da natureza e nas ciências do homem) conclui-se sem esforço que a preocupação com este fenómeno antropológico explodiu literalmente nas últimas dezenas de anos.

Afim de ilustrar esta situação — e sobretudo de a ilustrar ainda que tivesse havido a preocupação de fornecer aos estudiosos eventualmente empenhados nesta problemática algumas pistas de trabalho — insere-se no fim deste estudo uma *Bibliografia indicativa*. É evidente que nem de perto nem de longe tem a preocupação de ser exaustiva. Sucede inclusive que se excluíram sistematicamente as numerosíssimas análises acerca das ideologias nas ciências da natureza, quer na perspectiva da sua história quer da sua estrutura epistemológica contemporânea.

b) *Razões da impossibilidade até hoje duma «Teoria Geral das Ideologias»*

Prestes a encerrar esta digressão teórica, desejar-se-ia chamar a atenção para o facto de termos pressuposto desde início não existir ainda uma teoria geral das ideologias sem havermos curado do esforço de demonstrar directamente este pressuposto.

(27) É esta a proposta taxionómica das ciências sociais avançada por Jean Piaget na obra que redigiu para a UNESCO, editada em vários volumes pela Livraria Bertrand; veja-se *A Situação das ciências do homem no sistema das ciências*, Lisboa, Bertrand, 1972 (1970), pp. 17-31.

É curioso que nesta proposta (que merece da nossa parte uma série fundamental de objecções epistemológicas), Piaget divide-as em quatro grupos, *ciências nomotéticas*, *ciências históricas*, *ciências jurídicas*, *disciplinas filosóficas* e recua em certa medida relativamente à classificação que havia proposto três anos antes no trabalho «Les deux problèmes principaux de l'épistémologie des sciences de l'homme» no capítulo «Classification des sciences de l'homme», na obra colectiva *Logique et connaissance scientifique*, Paris, Encyclopédie de La Pléiade, 1967, pp. 1115-1119.

Creemos todavia que ele resulta do facto de se sustentar não ser possível essa teoria geral sem a explicação inicial da natureza das representações mentais ideológicas que afinal também intervêm nas condutas sociais deste género, nas ideologias práticas como alguns autores designam.

Mostrar, efectivamente, que as ideias, noções e categorias com que operam os sistemas ideológicos se não revestem de natureza gnosiológica, estabelecendo os respectivos critérios de distinção, foi eó centro estratégico do processo de elaboração teórica que permitirá pôr de pé em nosso entender essa explicação científica sistemática organizada num objecto teórico acerca do fenómeno social ideológico.

Aliás não faltam investigadores que reconhecem essa situação epistemológica.

Para o vincar recordaríamos apenas dois exemplos.

O primeiro extraímo-lo do trabalho dum sociólogo epíste-mo-metodologicamente tão atento como José Madureira Pinto. Num estudo das ideologias conduzido sob a perspectiva da sociologia — e embora reconhecendo o carácter interdisciplinar necessário à abordagem — o prof. Madureira Pinto logo no início do seu estudo chama a atenção para a circunstância de se ir debruçar sobre «uma inventariação que... tem também uma grande importância pelo facto de preceder logicamente a *construção duma teoria das ideologias*» (28).

O outro testemunho tirámo-lo do estudo de Emilio Ipola no qual se começa por reconhecer precisamente que «falar hoje da teoria das ideologias e mesmo da teoria marxista das ideologias é mostrar um grande optimismo que os factos infelizmente se obstinam em desmentir», acrescentando que aqui pouco há de adquirido, tanto no que respeita às soluções como sobretudo no que respeita à colocação dos problemas (29).

Não seria no entanto necessário sublinhar que sustentar, como fazemos, que a pedra angular para esta construção teórica tem de arrançar da teorização específica dos sistemas de representações próprios das ideologias mostrando que não têm — e porque razões não têm — carácter gnosiológico, não significa naturalmente reduzir a teorização a esta dimensão.

C<sup>28</sup>) José Madureira Pinto, *Ideologias: Inventário crítico dum conceito*, Lisboa, Presença, 1978, p. 12. De resto poderiam multiplicar-se as referências extraídas deste estudo (por exemplo pp. 13, 55 e outras passagens).

(<sup>29</sup>) Emílio Ipola, «Critique de la théorie d'Althusser sur l'idéologie», *L'Homme et la Société*, n.º 41/42, Oct.-Déc., 1976, pp. 35-70; cf. em particular pp. 35-36 e 68, nota 1.

Em primeiro lugar porque as determinações histórico-sociais intervêm directamente (posto que de forma inconsciente) na elaboração e reprodução desses sistemas mentais, ao mesmo tempo que a ideologia é uma actividade social prática tanto como um sistema mental, interligando-se os dois vectores inquebrantavelmente.

E em segundo lugar porque na estrutura e reprodução das actividades mentais ideológicas intervêm muitos outros elementos além dos gnosiológicos, como os psicológicos, linguísticos, simbólicos, sociológicos, históricos, culturais e tantos outros (30).

Simplesmente, a construção dum objecto teórico tem sempre de se efectuar a partir de condições relacionais em que umas precedem as outras, segundo uma ordem hierárquica epistemológica inevitável como procuramos mostrar no estudo da teoria do conhecimento científico (31).

É na base da edificação teórica neste caso concreto que reclamamos ser indispensável inserir a dimensão acognoscitiva das ideias, conceitos e relações mentais ideológicas.

## 5. ALGUMAS PISTAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS PARA A CONSTRUÇÃO DA TEORIA GERAL DAS IDEOLOGIAS

Não é possível estender mais uma exposição que se sente exceder já as condições de atenção possível por maior que seja a receptividade e benevolência dos mais amáveis interlocutores.

Deixar-se-á por isso, para finalizar, a referência a um punhado de pistas teóricas e metodológicas que talvez sobressaíam entre outras que importará considerar.

### a) *Delimitação do- âmbito do fenómeno ideológico*

Uma das preocupações essenciais no esforço epístemometodológico tendo em vista a construção da teoria geral das ideologias diz respeito naturalmente à delimitação do próprio fenómeno.

Trata-se evidentemente duma tarefa que só pode erguer-se no próprio processo de elaboração através de sucessivas hipóteses rejeitadas, confirmadas, modificadas e acrescentadas. No entanto, a partir de contribuições já disponíveis combinadas

(30) sirva de exemplo desta combinatória de diversos elementos, incluindo o linguístico, o estudo de José Madureira Pinto, citado.

(31) Cf. a *nossa Teoria do Conhecimento Científico*; volume 5.º, Editorial Afrontamento, Porto (no prelo).

com o labor específico em acto, é possível pôr de pé noções delimitativas.

É assim, por exemplo, que a noção descritiva de François Châtelet recordada no ponto I desta *Introdução* se revela demasiado lata; um caso entre vários: as expressões artísticas contêm por certo elementos ideológicos mas não são redutíveis a estes últimos.

Simultaneamente também há propostas demasiado restritivas. Sirva de ilustração a de P. Bourdieu, para o qual «o conceito de ideologia se deve restringir ao tipo específico de competência que ele designa por *maîtrise* simbólica e faz coincidir com a sistematização *explícita* de princípios da prática» (32).

Aliás, nas conceitualizações restritivas do conceito de ideologia entrelaçam-se questões epistemológicas mais gerais. Elas manifestam-se nomeadamente na tendência em não poucos estudos para uma delimitação conceitual por imperativos metodológicos (eventualmente legítimos) procedendo-se depois a uma translação inconsciente que lhes imprime uma índole epistemológica geral — o vício a que poderíamos chamar «hipóstase metodológica»...

b) *Exige a diferenciação relativamente aos fenómenos gnosiológicos*

Certamente não se vai novamente insistir neste aspecto que consideramos crucial e que está no centro da proposta que submetemos à vossa apreciação. Como sistema de representações mentais, dissemos e insistimos, a estrutura do discurso ideológico não tem carácter cognitivo (33).

(32) José Madureira Pinto, *ob. cit.*, p. 123.

(33) Há que reconhecer que a natureza agnosiológica das representações mentais ideológicas é pressentida por um ou outro autor. No entanto, trata-se de interpretações extremamente nebulosas e difusas. Dessas condições decorre necessariamente que não só não foi possível teorizar esta característica como ainda colocar essa elaboração na base do sistema teórico geral das ideologias.

É assim que já E. Durkheim reconhecia que «na ideologia os indivíduos vão das ideias aos factos e não destes às ideias», quando sabemos que o conteúdo das representações mentais cognitivas constitui uma tradução aproximada de propriedades e de relações da realidade a que essas representações se referem.

Também L. Althusser reconheceu que «é próprio de toda a concepção ideológica... ser governada por interesses exteriores à pura necessidade do conhecimento» (*Lire Le Capital*, II, 1965, p. 105).

Por seu turno ao referir-se a este fenómeno, Maurice Godelier assinalava sugestivamente: «Toda a ignorância<sup>^</sup> do real que se ignora como tal, isto é, toda a ideologia...» (*Epistémologie et Marxisme*, 1972, p. 243).

- c) *É impossível à revelia da inserção dos processos sociais e históricos*

Sendo, conforme se acentuou, qualquer ideologia um sistema de inserção activa no meio decorrente das determinantes da vida social no seu fluir histórico, torna-se apodítico que no processo intelectual da sua teorização é indispensável considerar as condicionantes e entrelaçamentos da vida colectiva que imprimem à visão do mundo de qualquer agente humano certas características gerais, guiam a conduta, fixam a intencionalidade e os objectivos globais da actividade prática guiada por essa representação, simultaneamente farol prático e explicação partilhada pela sua classe, grupo ou sub-grupo que tende a ser centro dum proselitismo real, posto que inconsciente.

E como a dimensão da vida gregária dos seres humanos também não é separável dos processos das suas transformações estruturais, não é possível igualmente abandonar a perspectiva histórica ao considerar-se a respectiva dimensão social.

- d) *Só é viável desde uma perspectiva que tenha em conta a estrutura global do discurso ideológico*

Esta exigência metodológica da elaboração teórica decorre igualmente dos elementos heurísticos já fornecidos. Efectivamente a análise conceitual e sócio-histórica meramente segmentar não permite penetrar na estrutura lógica, conceitual e relacional duma ideologia. Tão pouco permite estabelecer as inter-relações das suas representações mentais com os condicionamentos exo-subjectivos de que ela emana. Este aspecto em face de tudo quanto foi dito é evidente <sup>(34)</sup>.

<sup>(34)</sup> Esta indicação metodológica essencial decorre aliás de múltiplas análises contemporâneas quando se debruçam sobre os traços característicos do fenómeno ideológico; permitiria por isso uma longa referência analítica.

Basta recordar um exemplo. Seja o de Claude Lefort aceitando a concepção geral de Marx:

«La nécessité où il se trouve (le discours idéologique) d'énoncer des propositions d'une valeur universelle et tout à la fois de fournir une représentation de l'ordre établie qui justifie la domination de classe aurait pour effet de détruire sa rationalité apparente, lui interdirait d'aller jamais au bout de son affirmation» (in «L'ère de l'idéologie», *Encyclopaedia Universalis France*, Vol. 17.º, 1968, p. 82).

A referência, como se compreende facilmente, tem aqui em vista uma ideologia dominante em dada situação histórica.

- e) *Exige, além do mais, a diferenciação relativamente a mentalidades e racionalidades, além doutros fenómenos*

Este apontamento não tem senão por objectivo chamar a atenção para a circunstância de participando evidentemente nos agentes da representação ideológica a estrutura média das mentalidades tais como se plasmam numa dada época histórica, o mesmo se dizendo da estrutura da racionalidade do discurso nos seres humanos de qualquer sociedade histórica, nem por isso as ideologias se identificam com esses (e aliás outros) fenómenos.

Regista-se a prevenção porque não seria impossível detectar por vezes posições confundindo estes elementos (que somente há que considerar na compreensão concretizada das ideologias) com a organização interna das próprias ideologias.

É óbvio que o termo *racionalidade* aqui utilizado nada tem com o racionalismo como sistema filosófico ou sistema ético. Refere-se aos quadros intelectuais da relação mental dominantes numa sociedade localizada e historicamente datada, em resultado da prática, da experiência social sincrónica, da experiência diacrónica, dos elementos globais utilizados no raciocínio, das técnicas manuseadas espontaneamente, dos meios generalizados de efectuar, de adquirir e de fazer aceitar as verificações experimentais correntes (não científicas), etc.

Neste sentido nada será preciso adicionar afim de se concluir que qualquer sistema ideológico tem de se apoiar na racionalidade social existente mas que se não identifica com ela <sup>(35)</sup>.

Afirmção paralela há que registar quanto à *mentalidade* duma sociedade concreta e num dado circunstancialismo histórico. Entendêmo-la como um complexo que é sempre global e globalístico; nela combinam-se e intercondicionam-se os elementos fornecidos pela racionalidade com os dados provenientes do conhecimento social disponível e das próprias ideologias. Contribui assim para estruturar a ideologia (que por seu turno vai absorver em parte), sendo no entanto um fenómeno mais vasto.

Estas distinções são impostas pela abstracção legitimada ontologicamente e poderiam por certo estender-se a outros tipos

(35) No nosso esboço de teorização disciplinar do conhecimento corrente houve em mais de um passo de sublinhar a índole histórica, evolutiva e transiormacional, da *racionalidade*.

Cf. *Teoria do Conhecimento Científico*, vol. 1.º, *cit.*, p. 217 e vol. 2.º, pp. 194-197 bem como notas (LI), (LU) e (LUI) do Apêndice (pp. 384-387).

de fenómenos ligados ao par dicotómico unitário constituído pelas actividades mentais e práticas.

Fique aqui porém somente esta nota.

- f) *As representações mentais ideológicas podem absorver representações gnosiológicas correntes, científicas e filosóficas sem perder sua autonomia estrutural*

Resulta de todo o conjunto da digressão que se acabou de efectuar que nas ideologias se encontram normalmente representações cognoscitivas, sem isto em nada atingir a proposta teórica defendida.

Efectivamente só por simplificação metodológica se poderão eliminar do exame deste fenómeno os enunciados de conhecimento corrente que constituem como que o fio do colar normal nos discursos ideológicos, embora isto não constitua uma situação geral. Numa ideologia mítica não será fácil encontrá-los; mas mesmo aí poderão estar inseridos.

São de facto' a linha com que é cerzido o tecido dos sistemas ideológicos. Mais ainda, em formas elaboradas e requintadas de representações ideológicas o papel de aros de ligação das representações mentais resultantes da posição social do sujeito podem socorrer-se de conhecimentos científicos e filosóficos. Muitas vezes sucede até que estruturas puramente ideológicas surgem em «travesti» de conhecimentos destes dois últimos géneros. E então a ideologia sob a forma de discurso filosófico é encrostada num discurso ideológico mais geral funcionando assim como uma «ideologia ao quadrado» com a missão de coonestar a estrutura em que é um elo de ligação.

Esta situação torna a análise teórico-disciplinar em qualquer caso — nomeadamente na história das ideologias e na reflexão filosófica — extremamente complexa como se compreende.

Mais ainda, quando o sistema ideológico cumpre uma função propulsora e não a de travão ao conhecimento da realidade, os dois espaços podem coincidir aproximadamente; mas não quer dizer que deixem de ser diversos. Por exemplo, se a burguesia comercial, financeira e mesmo industrial na fase ascendente em que objectivava os condicionalismos reais que impunham a liquidação das relações económicas, sociais e políticas do «antigo regime» pôde absorver na sua ideologia leis económicas objectivas que exprimiam essa necessidade concreta, mostrando inclusive que o privilégio de sangue contribuía para bloquear o progresso tecnológico e social sendo as relações capitalistas que permitiram o desempenho da função histórica libertadora de forças tecnológicas gigantescas, nem por isso

a sua ideologia desapareceu convertendo-se por artes mágicas numa leitura científica por parte dos membros desta classe que de resto em regra não tinham qualquer preparação teórica. Fê-lo porque isso correspondia aos seus interesses materiais que nessa conjuntura específica se combinavam com uma necessidade histórica cientificamente traduzível.

Afinal, reconhecendo a dificuldade do joeiramento teórico dos elementos ideológicos quando se combinam inextricavelmente com representações cognoscitivas de qualquer tipo, algumas das vias metodológicas válidas a fim de transpor a dificuldade encontram-se precisamente nas cinco indicações metodológicas e epistemológicas anteriores; esta sexta e última no fim de contas completa-as ou, melhor ainda, é sua expressão manifesta.

## BIBLIOGRARIA INDICATIVA

(Obras de carácter geral ou visando problemas disciplinares ou ainda pontos particulares).

- Adler, Alfred e Zempléni, Andras, *Le baton de Vaveugle. Divination, maladie et pouvoir chez les Moundang du Tepud*, Paris, Hermann, 1972.
- Althusser, Louis, *Pour Marx*, Paris, François Maspero, 1966.  
*Lire le Capital*, Paris, François Maspero, 1966.  
*Lénine et la Philosophie*, Paris, François Maspero, 1969.  
*Philosophie et Philosophie, spontanée des savants*, Paris, François Maspero, 1974 (1967);  
*Réponse à John Lewis*, Paris, Hachette, 1974;  
Avant-propos in Gérard Duménil, *Le concept de loi économique dans «Le Capital»*, Paris, François Maspero, 1978.

Algumas edições em língua portuguesa:

- «Idéologie et appareils idéologiques d'État», *La Pensée Ideologia e Aparelhos ideológicos do Estado*, Lisboa, 1974, Presença, (*La Pensée*, 1967).
- «Sobre o Trabalho Teórico», (*La Pensée*, n.º 132, Avril, 1967), Presença, Lisboa, s.d.
- Montesquieu, *La Politique et l'Histoire*, Presses Universitaires de France;
- Montesquieu, *a Política e a História*, Lisboa, Presença, 1972;
- A transformação da Filosofia seguido de Marx e Lénine perante Hegel*, Lisboa, Estampa, 1981 (1968 e 1976);
- 22.ème Congrès*, François Maspero, 1977;
- O 22.º Congresso*, Lisboa, Estampa, 1978;
- Positions*, Paris, Éditions Sociales, 1975 (1964-1975);
- Posições*, Lisboa, Livros Horizonte, 1977;
- Sobre o contrato social*, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1976.
- Ansart, Pierre, *Conflitos e poder*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

O Sagrado e o Profano

- Ansart, Pierre e outros, *Contributions à la sociologie de la connaissance*, Paris, Anthropos, 1967.
- Aron, Raymond, *L'Idéologie*, in *Recherches philosophiques*, Paris, 1936/7
- L'Opium des intellectuels*, Paris, 1955
- D'une Sainte Famille à l'autre, Essais sur les marxistes imaginaires*, Paris, 1969
- Attali, Jacques e Marc Guillaume, *L'Anti-Économique*, Paris, PUF, 1974.
- Badiou, Alain e Balmès, François, *De l'idéologie*, Paris, Maspero, 1976.
- Balibar, Etienne, *Sur les concepts fondamentaux du matérialisme historique*, in *Lire Le Capital*, tome II, pp. 187-332.
- Backès, Catherine, «Idéologie et inconscient», in Vários, *Le Centenaire du «Capital»*, Paris, La Haye, Mouton, 1969.
- Begarie, Hervé Coutau, *Le Phénomène Nouvelle Histoire — Stratégie et idéologie des nouveaux historiens*, Paris, Económica, 1983.
- Berger, Peter L. e Luckmann Thomas, *The Social Construction of Reality—A Treatise in the Sociology of Knowledge*, New York, Anchor Books, 1967, pp. 122-128.
- Berger, Peter L., Berger, Birgite, Kellner, H., *The homeless mind. Modernization and consciousness*, Harmondsworth, Penguin Books, 1977.
- Bidet, Jacques, «Sur la raison d'être de l'idéologie — les rapports sociaux dans le secteur de la pêche», *La Pensée*, n.º 174, Avril, 1974.
- Birnbaum, Norman, *Towards a critical sociology*, New York, Oxford University Press, 1973.
- Blackburn, Robin, editor, *Ideology in social sciences. Readings in critical social theory*, Glasgow, Wilkiam Collins, 1979.
- Guia breve da ideologia burguesa*, Porto, Publicações Escorpião, 1974 (1971).
- Blaug, Marx, *La Méthodologie économique*, Paris, Económica, 1982.
- Bourdieu, Pierre, *Questions Sociologiques*, Paris, Les Editions de Minuit, 1980.
- La distinction: Critique social du jugement*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1979.
- A Economia das trocas simbólicas*, S. Paulo, Perspectivas, 1974.
- Esquisse d'une théorie de la pratique....*, Genève, Paris, Droz, 1977.
- Boudieu, P. e Passeron, Jean-Claude, *Les héritiers. Les étudiants et la culture*, Paris, Les Editions de Minuit, 1964.
- Br ohm, J.-M., «L. Althusser et la dialectique matérialiste», in *Contre Althusser*, Paris, Union Générale d'Éditions, 1974, pp. 15-92.
- Bunge, Mario, *Epistemología — curso de actualização*, Madrid, Ariel 1981 (1980). Em particular, pp. 165-168. «Seudociencia V, ideologia», Madrid, Alianza Universidad, 1985.
- Caillé, Alain, «Idéologie et régime des idées — repères pour une théorie de l'idéologie», *L'Homme et la Société*, n.º 51/54, Janv./Déc., 1979, pp. 203-218.
- Carr, E.H., *Que é a Historia*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1981.
- Castro, Armando, *Teoria do Conhecimento Científico*, Porto, Limiar.
- Em particular:
- Vol 1.º, 1975, pp. 62-3, 66-67, 74-79, 96-97, 234-7, 242-4
- Vol. 2.º, 1978, pp. 182-193, 382-385.
- Vol. 3.º, 1980, pp. 68-71, 120-5, 132-3, 142-151, 178-181, 184-5
- Vol. 4.º, 1982, pp. 56-7, 104-5, 132-3, 210-215
- Vol. 5.º (no prelo).

Para a Teoria das Ideologias

- Centre for Contemporary Cultural Studies — Vários autores, *Da ideologia*, Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- Certeau, Michel de, «A Operação histórica», in *Fazer História*, Lisboa, Bertrand, 1977 (1974).
- Châtelet, François, Introduction Générale, Conclusion, in *Histoire des Idéologies — II, De VÉglise à l'État du IX<sup>e</sup> ou XVII<sup>e</sup> siècle*, Paris, Hachette, 1978.
- Cirese, Alberto Mario, *Imelletuali, folklore, istinto di classe*, G. Einaudi, 1976.
- Cicotti, G. e outros, *L'araignée et le tisserand: Paradigmes scientifiques e matérialisme historique*, Paris, Seuil, 1979.
- Copans, Jean, «A Antropologia Política», in *A Antropologia ciência das Sociedades Primitivas?*, Ed. 70, Lisboa, 1974 (1971).
- Cruz, António de Oliveira, *A Teoria de Piaget e os mecanismos da produção da ideologia pedagógica*, Lisboa, Socicultura, s.d., (1979).
- Delacampagne, Christian e Maggiori, Robert, *Philosopher. Les interrogations contemporaines. Matériaux pour un enseignement*, Paris, Fayard, 1980.
- Deleule, Didier, *La Psicología, mito científico*, Madrid, Anagrama, 1972.
- Dion, Michel, «Notes sur les rapports entre analyses sociologiques et idéologie», *L'Homme et la Société*, n.º 20, Av./Mai/Juin, 1971, pp. 85-110.  
*Sociologie et idéologie*, Paris, Éditions Sociales, 1973.  
Edição portuguesa — *Sociologia e ideologia*, Lisboa, Prelo, 1974.
- Dobb, Maurice, *Teorias do valor e de distribuição desde Adam Smith*, Lisboa, Presença, 1973, pp. 9-55.
- Duby, Georges, «História Social e ideologia das sociedades», in *Fazer História*, Lisboa, Bertrand, 1977 (1974).
- Duchac, René, *Sociologie et Psychologie*, Paris, PUF, 1968.
- Dumont, Fernand, *L'Anthropologie en l'absence de l'homme*, Paris, PUF, 1981.  
*Homo hierarchicus. Essai sur les systèmes des castes*, Paris, Gallimard, 1966.  
*Homo aequalis. Genèse et épanouissement de l'idéologie économique*, Paris, Gallimard, 1976.
- Duparc, Jean, «Une mutation idéologique dans les années trente: a propos de Christopher Caudwell», *La Pensée*, n.º 225, Janv./Fév., 1982, pp. 25-39.
- Eizykman, Boris, *Science-fiction et capitalisme. Critique de la position de désir de la science*, Paris, Maison Marne, 1973.
- Escobar, Carlos Henrique de, «Uma filosofia dos discursos, uma ciência dos discursos ideológicos», in *Epistemologia*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973.
- Espadinha, Francisco, «Sobre Althusser», in *Sobre o Trabalho Teórico*, Lisboa, Presença, s.d.
- Establet, Roger, «Presentation du plan du Capital», in *Lire le Capital*, tome II, pp. 333-401.
- Esteves, Antonio Joaquim e Fleming, Arnaldo Jorge, *Sociologia — Textos e notas introdutórias*, Porto, Porto Editora, Vol. 1.º, 1980, pp. 255-272 (antologia).
- Faye, Jean Pierre, *Théorie du récit. Introduction aux langages totalitaires. Critiques de la raison narrative. Critique de l'économie narrative*, Paris, Hermann, 1972.
- Fine, Ben, *Economie Theory and ideology*, London, Edward Arnold, 1981.

- Flynn, James R., *Humanism and Ideology; An Aristotelian View*, London, Routledge & Kegan Paul, 1973.  
«Idéologie», in *Encyclopaedia Universalis France*, Vol. 8.º, 1974, pp. 718-721.
- Gabel, Joseph, «Manheim et le marxisme hongrois», *L'Homme et la Société*, n.º 11, 1969.  
*Idéologies*, Paris, Anthropos, 1978, 2 vols.  
*A Falsa Consciência*, Lisboa, Guimarães & C.ª, 1979.  
«Ideologia», in *Encyclopaedia Universalis France*, vol. 8.º, Paris, 1968, pp. 718-721.
- Ganguilhem, Georges, *Idéologie et rationalité, dans l'histoire des sciences de la vie*, Paris, Librairie Philosophique, 1977.
- Godelier, Maurice, *Horizon, trajets marxistes en anthropologie*, Paris, F. Maspero, 1973.
- Goldmann, Lucien, *Sciences Humaines et Philosophie*, Paris, 1955.  
«Idéologie et Marxisme», in *Le Centenaire du Capital*, Paris, La Haye, Mouton, 1969.  
*Structures mentales et création culturelle*, Paris, 1970, Anthropos, (2.ª edição).
- Greimas, Algirdas G., *Sémiotique et Sciences Sociales*, Paris, Du Seuil, 1976.
- Guessons, M., «Equilibrium Theory and the Explanation of Social Change», *Annales Marocaines de Sociologie*, n.º 2, 1969.
- Gurvitch, Georges, *Histoire de la Sociologie: Auguste Comte, Karl Marx et Herbert Spencer*.
- Habermas, Jürgen, *La technique et la science comme idéologie*, Paris, Gallimard, 1973.
- Herbert, Thomas, *Cahiers pour l'analyse*, n.ºs 1 e 9.
- Horkheimer, Max, *Les debuts de la philosophie bourgeoise de l'histoire. Suivi de Hegel et le problème de la métaphysique*, Paris, Payot, 1974.
- Hutchison, T.W., *The Politics and Philosophy of Economies — Marxians, Keynesians and Austrians*, Oxford, Basil Blackwell, 1981.
- Hyppolite, J., «Le "scientifique" et "idéologique" dans une perspective marxiste», in *Marx and Contemporary Scientific Thought*, Unesco, Paris, La Haye, Mouton, 1969, pp. 122-129.
- Ipola, Emilio de, «Critique de la Théorie d'Althusser sur l'idéologie», *L'Homme et la Société*, n.º 41/42, Oct./Nov./Déc., 1976, pp. 35-70.
- Israel, Joachim, *L'alienation de Marx à la sociologie contemporaine. Une étude macrosociologique*, Paris, Anthropos, 1972.
- Jakubawsky, *Les superstructures idéologiques dans la conception matérialiste de l'histoire*, Paris, E.D.I., 1972.
- Jaubert, Alain, Leblond, Jean-Marc Levy, *Autocritique de la science*, Paris, Du Seuil, 1975.
- Jonas, Serge, «Talcott Parsons ou le Roi nu», *L'Homme et la Société*, n.º 1, 1966.
- Kahn, P., *Cahiers Inter, de Sociologie*, Vol. VIII, 1950.
- Karz, Saül, *Théorie et Politique; Louis Althusser*, Paris, Fayard, 1974.
- Kolakowski, Lezzek, *El racionalismo como ideologia*, Barcelona, Ariel, 1970 (1967).
- Kon, I.S., *El idealismo filosófico y la crisis en el pensamiento histórico*, Buenos Aires, Ed. Platina, 1962.
- König, R., «Le Problème des jugements de valeur chez Max Weber», *Cahiers Int. de Sociologie*, Vol. XLI, 1966.
- Konstantinov, F., «Sociologie et idéologie», *L'Homme et la Société*, n.º 2. Oct./Nov./Déc., 1966, pp. 25-31.

- Lacoste, Yves, «La Géographie», *La Philosophie des Sciences Sociales*, tome VII, Paris, Hachette, 1973, pp. 284-300.  
«A Geografia», in F. Châtelet (direcção), *A filosofia das ciências Sociais*, Lisboa, D. Quixote, 1977.  
*A Geografia serve antes de mais nada para fazer a guerra*, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1977 (1976).
- Lagrange, H., «A proposito de la escuela», in *Sobre el método marxista*, México, Grijalbo, 1974.
- Lecourt, Dominique, *Pour une critique de Vépistémologie*, Paris, F. Maspero, 1972.  
*Para uma crítica da Epistemologia*, Lisboa, Assirio & Alvim, 1973.  
*Une crise et son enjeu (Essai sur la position de Lénine en philosophie)*, Paris, F. Maspero, 1973.
- Lefebvre, Henri, e Châtelet, F., «Idéologie et vérité», *Les Cahiers du Centre d'études socialistes*, n.º 20, Oct, 1962.
- Lefort, Claude, «L'ère de l'idéologie», in *Encyclopaedia Universalis France*, Paris, Vol. 17, 1974, pp. 75-93.  
*Les formes de l'histoire: essais d'anthropologie politique*, Paris, Gallimard, 1978.
- Le Goff, Jacques e Nora, Pierre, dir., *Faire de L'Histoire. Nouveaux problèmes*, Gallimard, 1974.  
*Fazer História*, Lisboa, Bertrand, 1977.
- Lenk, Kurt, *El concepto de ideologia. Momentario critico y selección sistemática de textos*, Buenos Aires, Amorroutu, 1971.
- Longo, Gino, *Manual de Economia Política*, Madrid, A. Corazon, 1973, pp. 194-6.
- Luckas. Georg, *Geschichte und Kussenbewusstsein. Studien zur marxistischen Dialektik*, 1923.  
*Histoire et Conscience de Classe*, Paris, ed. 1960.
- Macherey, Pierre, «A propos du processus d'exposition du Capital», in *Lire le Capital*, t. I, pp. 213-256.
- Maffesoli, Michel, «L'idéologie, sa genèse et sa duplicité», *L'Homme et la Société*, n.º 35/36, Avril/Mai/Juin, 1975, pp. 199-214.
- Manheim, Karl, *Idéologie und Utopie*, 1929.  
*Ideologia e Utopia*, edição de 1968, Rio de Janeiro, Zahar.
- Marx, Karl e Engels, Friedrich, *A Ideologia Alemã*.
- Marx, K., *O Capital*, nomeadamente Liv. I, Cap. XIX.
- Meek, Ronald L., *Economics and ideology and other essays. Studies in the development of economic thought*, London, Chapman and Hall, 1967.  
*Economia e ideologia. O desenvolvimento do pensamento económico*, Rio de Janeiro, Zahar, 1971.
- Michaud, Guy e Marc, Edmond, *Vers une science des civilisations?*, Paris, Hachette, 1981, em especial, pp. 130-132.
- Miliband, Ralph, *The State*, in *Capitalist Society*, London-Oxford, The Camelot Press, 1969.
- Miligavljevic, Ratko, *Environnement, idéologie et science*, Paris, Anthropos, 1978.
- Mills, C. Wright, *A imaginação sociológica*, Rio de Janeiro, Zahar.
- Moskvichov, L., *Teoria da desideologização — ilusão e realidade*, Lisboa, 1969 (1959).
- Moura, José Barata, *Ideologia e Prática*, Lisboa, Ed. Caminho, 1978.  
boa, Estampa, 1976.
- Muldwarf, Bernard, «Imaginaire collectif et inconscient individuel — le processus idéologique à la lumière de la Psychanalyse», *La Pensée*, n.º 219, Mars/Avril, 1981.

- Nunes, A. Sedas, «Questões Preliminares sobre as ciências sociais», *Análise Social*, n.ºs 30/31, Vol. VIII, 1970, em especial p. 251 e ss.
- Ossowska, Maria, *Social determinants of moral ideas*, London, Routledge & Kegan Paul, 1971.
- Pappenheim, Fritz, *Alienation in American Society*, Monthly Review Press, New York and London, 1967 (opúsculo).
- Peterson, Paul E., «Effects of Credentials, Connectuous and Competence on Income», in William H. Kruskal Editors; *The Social Sciences — their Nature and Uses*, The University Chicago Press, 1982 nomeadamente pp. 23-25.
- Piaget, Jean, *Le jugement moral chez Venfant*, Paris, 1957.  
*Sagesse et illusions de la Philosophie*, Paris, PUF, 1972.
- Pinto, José Madureira, *Id&ologias: inventário crítico dum conceito*, Presença, 1978.
- Poiron, J.-M., «Althusser, l'idéologie, l'école», in *Contre Althusser*, cit.
- Pokrovski, V.S., dir., *História das ideologias*, Lisboa, Estampa, 1973 (2.ª edição).
- Poulantzas, Nicos, *Pouvoir politique et classes sociales*, Paris, 1968.  
*Poder político e classes sociais*, Porto, Portucalense Editora, 1971.  
*Les classes sociales dans le capitalisme aujourd'hui*, Paris, Du Seuil, 1974.
- Poulantzas, Nicos, «The problem of the Capitalist State», in Robin Blackburn, *Politics, Sociology, Anthropology, Economics, History*, London, Fontana/Collins, 1968.
- Rancière, Jacques, *La Leçon d'Althusser*, Paris, Gallimard, 1974.  
«Le concept de critique et la critique de l'économie politique des Manuscrits de 1844 au Capital», in *Lire le Capital*, t. I, cit., pp. 93-210.  
«Sur la théorie de l'idéologie politique d'Althusser», *L'Homme et la Société*, n.º 27, Janv./Fév./Mars, 1973, pp. 31-61.  
*Sobre a teoria da ideologia. A política de Althusser*, Porto, Portucalense Editora, 1971.
- Riboullet, Pierre, «Quelques remarques à propos de la lutte de classes dans l'idéologie», *L'Homme et la Société*, n.º 35/36, Mai/Juin, 1975, pp. 187-197.
- Robin, Régine, *Histoire et Linguistique*, Paris, A. Colin, 1973, em especial pp. 96-7, 101-5, 108-111.
- Robinson, Joan, *Economie Philosophy*, London, Pelican Books, 1974 (1962).
- Roies, Albert, *Lectura de Marx por Althusser*, Barcelona, Ed. Estela, 1974.
- Ruas, Henrique Barrilaro, *Ideologia. Ensaio de análise histórica e crítica*, Junta da Acção Social, s.d.
- Rumjantsev, A.M., «Karl Marx and some problems of modern ideology», *Marx and Contemporary scientific thought*, cit., pp. 7-19.
- Schaff, Adam e Szcepanski, Jan, *Sociologia e ideologia*, Lisboa, Presença, 1970.
- Servier, Jean, *L'idéologie*, Paris, PUF, Col. *Que Sais-Je?*, 1982.
- Simey, T.S., *Social science and social purpose*, London, Constable & Co., 1968.
- Solow, Robert M., «Science and ideology on Economics», in R. Crandall /R. S. Eckans (org.), *Contemporary issues in Economics*, Boston, Selected Readings, 1972, pp. 9-14.
- Terray, E., *Le Marxisme devant les sociétés 'primitives'*, Paris, Maspero, 1969.
- Tixier, Jacques, «La théorie matérialiste de l'individualité dans l'idéologie allemande», *La Pensée*, n.º 21, Mars/Avril, 1981.

*Para a Teoria das Ideologias*

- Touraine, Alain e outros, *Ciencias Sociales: ideologia y realidad nacional*, Buenos Aires, Tiempo Contemporáneo, 1974.
- Trías, Eugenio, *Teoria de las Ideologias*, Barcelona, Península, 1970.
- Weber, Max, *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre*, 1951.  
*Sobre a Teoria das Ciências Sociais*, Lisboa, Presença, 1974.
- Vadée, Michel, *A Ideologia*, Lisboa, Prelo, 1977.
- Védrine, Hélène, *Filosofia da História — Declínio ou crise?* Lisboa, Diabril, 1970.
- Veyne, Paul, *Comment on écrit l'Histoire. Essai d'épistémologie*, Paris, Du Seuil, 1971.
- Vincent, J.-M., «Le théoricisme et sa rectification», in *Contre Althusser*, *Cit.*, 1974, pp. 215-259.
- Ziegler, J., *Sociologie de la nouvelle Afrique*, Paris, 1964.

Nota — As datas entre parêntesis referem-se à primeira edição da obra respectiva.